

CONJUNTURA

Economia - Brasil

Equipe econômica evita euforia com indicadores

Governo não quer repetir erro cometido em 2003 e Palocci fala na necessidade de ajustes

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA - Diferentemente do final de 2003, quando começaram a surgir os primeiros sinais de recuperação do nível de atividade, desta vez as comemorações na área econômica em torno do desempenho da produção nacional medida pelo Produto Interno Bruto (PIB) foram mais discretas, pelo menos publicamente.

O tom de cautela partiu do próprio ministro da Fazenda, Antônio Palocci, que, logo depois da divulgação dos dados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não se intimidou em falar na necessidade de ajustes no crescimento, bem no momento em que a área política do governo fazia festa com os indicadores. Palocci determinou a seus subordinados que evitem inflar demais os discursos.

De olho nos próximos passos do Comitê de Política Monetária (Copom) – que poderá elevar os juros –, as poucas autoridades econômicas que falam sobre o assunto são comedidas nos comentários. “Gato escaldado tem medo de água fria”, brinca uma fonte do governo, se referindo ao estresse vivido no início do ano, quando, após a divulgação dos bons indicadores da economia do segundo semestre de 2003, o BC decidiu interromper a trajetória de queda nos juros. Entre maio e dezembro de 2003, a Selic (taxa básica dos juros) caiu de 26,5% ao ano para 16,5% em dezembro, patamar onde permaneceu até março.

Segundo a fonte, essa atitude não é necessariamente de “preocupação, mas um cuidado para não criar ruídos desnecessários”. “Os números falam por si”, resu-

miu um técnico do BC ao comentar tanto comedimento. No caso específico da autoridade monetária, houve também a preocupação de que uma afirmação fora do tom pudesse ser interpretada como sinal do caminho que o Copom adotará na reunião da próxima semana. A expectativa diante dos números do PIB e da inflação são de alta na Selic.

Olhando para trás, técnicos do governo até admitem que o movimento do início do ano foi mal coordenado e acabou deteriorando as expectativas dos agentes econômicos, sobretudo do setor produtivo, que retraíram seus planos de investimento. A avaliação é que houve festa demais com os números do PIB em dezembro de 2003 e pouco alerta sobre os riscos inflacionários e suas consequências. Num momento de consolidação do processo de retomada econômica, em que tudo o que o governo precisa é fazer deslanchar novos investimen-

PRÓXIMOS ÍNDICES DEVEM SER MAIS MODESTOS

tos para assegurar mais crescimento com estabilidade de preços, a equipe do ministro Palocci não quer cometer o mesmo erro.

“Hoje, a equipe econômica não precisa mais ficar explicitando os dados do crescimento, eles já são percebidos. Por isso, o discurso volta-se para inflação, que é a preocupação”, afirma o diretor de análise de risco do BES Investimento, Carlos Guzzo. Para ele, o governo sabe que terá de subir os juros em algum momento e, por isso, “não quer jogar confete agora para, depois, ser acusado de frustrar planos”.

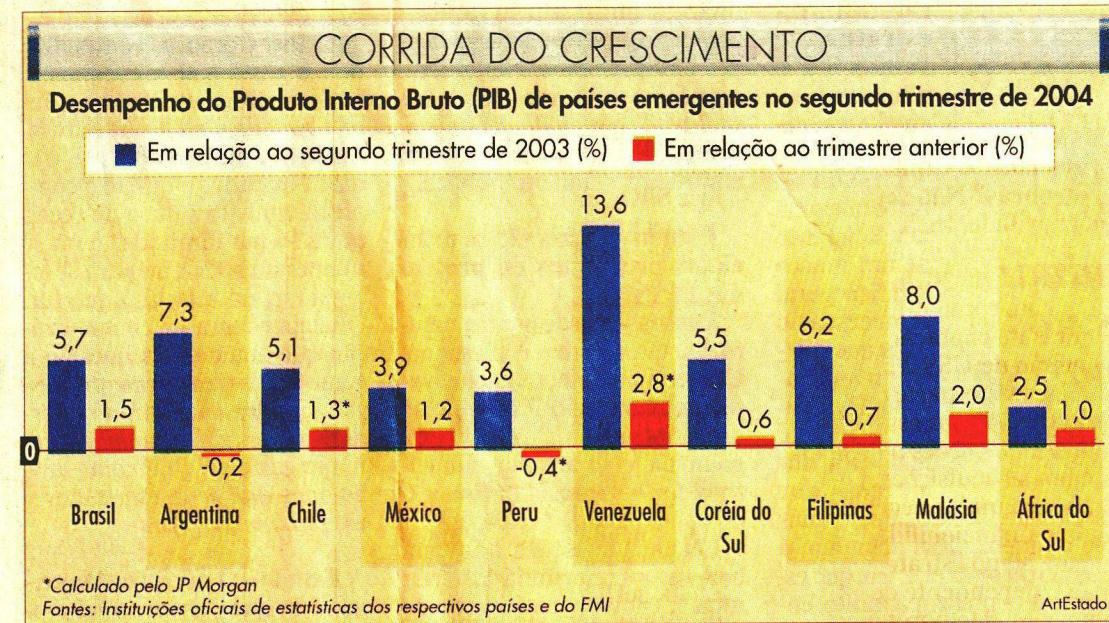
Desempenho – Internamente, porém, os técnicos desbrinham todos os números em relação ao desempenho econômico. Um dado considerado extremamente favorável compara o desempenho do PIB neste ano com o de outras economias emergentes.

O aumento de 1,5% do



Joedson Alves/AE

Palocci: crescimento obtido até agora é insuficiente para suprir as necessidades da população



*Calculado pelo JP Morgan
Fontes: Instituições oficiais de estatísticas dos respectivos países e do FMI

PIB no segundo trimestre em relação aos primeiros três meses do ano, por exemplo, está em linha com o de países também classificados como emergentes, mas que possuem uma situação mais estável. É o caso, por exemplo, do Chile, que registrou crescimento de 1,3% no mesmo período, e do México, com 1,2%. Esses dois países são as economias mais estáveis da América Latina.

“Esse é um dado melhor do que o crescimento de 5,7% no segundo trimestre em comparação com o mesmo período de 2003”, destaca uma fonte da área econômica, ressaltando que, nesse caso, o crescimento de 5,7% se deu em cima de uma base fraca, já que no primeiro semestre de 2003 a economia estava em retração.

Quando comparado com o mesmo trimestre de 2003, o

crescimento verificado no segundo trimestre deste ano pelo Chile (5,1%) e pelo México (3,9%), apesar de serem menores, representam um desempenho bem melhor que o brasileiro. “Não houve nenhum movimento atípico em 2003 nessas duas economias que estavam no seu processo normal. Já no caso brasileiro, essa análise de um ano para outro mostra a reversão de uma recessão”, afirma.

Em 2003, enquanto Chile e México cresceram, acompanhando o movimento verificado no resto do mundo, o Brasil enfrentava uma crise de confiança e lutava para sair da recessão. Os primeiros seis meses deste ano foram marcados, no front externo, por uma indefinição em relação à trajetória da taxa de juros nos EUA, o que tem reflexo sobre a economia em todo o mundo.

Na lista de economias emergentes, o crescimento brasileiro de 1,5% no segundo trimestre só perde para o de países asiáticos, tidos como as grandes vedetes mundiais, e para a Venezuela, que registrou 2,8% de aumento do PIB no período. Já a Argentina registra crescimento negativo de 0,2% e o Peru, de 0,4%.

Cautela – Além da cautela por causa da possibilidade de o BC elevar os juros, a equipe econômica sabe que o crescimento verificado até agora não é suficiente para suprir as necessidades da população brasileira e tem consciência de que os próximos dados relativos ao desempenho da economia brasileira deverão ser mais modestos. Isso porque eles estarão sendo comparados com uma base de crescimento maior e não um período recessivo como foi o primeiro semestre.

A preocupação central passa a ser criar condições para manutenção desse crescimento do PIB, a taxas até maiores, mas num ambiente de estabilidade dos preços. Por isso, as apostas são de que esse ritmo do nível de atividade terá de ser muito bem calibrado com a taxa de juros.

Para o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, um dos poucos contrários à ideia de que o BC tenha que elevar a Selic para conter pressões inflacionárias, a alta nas taxas real e futura de juros são suficientes para combater os efeitos dos choques de oferta, assegurando a convergência da inflação para as metas. Com isso, ele defende que o BC não eleve os juros na reunião desta semana.